

# Artes de um tudo

Arte milenar de teatro de bonecos atrai educadores

Claudia Sanches



“O corpo é feito de garrafa *pet* reaproveitada. A estrutura é revestida com resto de papel de provas antigas doado pelas escolas. As roupas são restos de fantasia da escola de samba Beija-flor de Nilópolis. E os cabelos, confeccionados com restos de fita cassete”. Quem descreve a marionete chamada Passista é a sua autora, a artista plástica Elizabeth Cunha. Enquanto fala sobre a arte milenar, o



A artista plástica Elizabeth Cunha coordena o “Instituto Artes de um tudo”, que produz bonecos a partir de garrafas *pet*. A ONG conta com a parceria da escola de formação de professores, que leva as futuras educadoras a conhecer a experiência e aprender a utilizar os bonecos como ferramenta em sala de aula

público impressionado tenta entender como a sucata se transformou naquele boneco cheio de brilho e de ginga, manipulado por um fio e ao som de um samba.

Passista e as outras marionetes e fantoches, produzidos pela ONG “Instituto Artes de um Tudo”, levam a Lei de Lavoisier às últimas consequências. Tudo é transformado em arte. A atividade é dirigida pela própria Elizabeth Cunha e pela coordenadora Josy Monteiro, que abrem o espaço em alguns finais de semana para divulgar o trabalho de bonecos e conscientizar sobre a necessidade de redução de lixo na natureza.

Uma vez no mês a ONG abre as portas para a comunidade e organiza um evento que inclui oficina de confecção de bonecos, exposição do acervo do Instituto e uma apresentação de teatro de marionetes. Adultos e crianças ficam encantados não só com as obras-primas, mas, também, com a performance dos bonecos dentro e fora de cena. “Aqui nós reaproveitamos, não há reciclagem, que é um outro processo. A garrafa *pet* não é um inimigo da natureza; nós a reutilizamos, reduzimos o lixo e a transformamos em arte”, ressalta Elizabeth.

A primeira atividade do encontro é a oficina de bonecos. A artista, junto com a coordenadora Josy Monteiro, ensina educadores e crianças a fazer os brinquedos. Os pequenos se divertem e os adultos podem usar suas produções como ferramenta em

sala de aula ou na comunidade. Walem Rocha, professor de Artes aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é um dos que deseja aprender a reutilizar a sucata e produzir os bonecos. Nascido e criado na comunidade quilombola Fortaleza dos Pretos, em Cururupu, no Maranhão, Walem tem um projeto de trabalhar a nova técnica com a comunidade local. “Saí de lá, vim para o Rio estudar e agora volto como educador. O objetivo é conscientizar a população, e essa arte é uma ferramenta não só para falar sobre a questão do lixo, mas também levantar outros temas” diz ele, que quer adaptar a técnica para a festa do Bumba-meu-boi, tradicional no seu estado de origem.

Hoje, segundo Elizabeth, a procura do espaço pelo educador é muito grande. “O professor é um multiplicador, passa a informação para outras pessoas”, confirma. A artista lembra que cada oficina é direcionada a um público específico. As crianças aprendem o passo a passo para fazer o boneco, e o professor se instrumentaliza para usar em sala de aula.

A professora Mônica Salles, que trabalha na rede pública de ensino, também começou a fabricar bonecos através da técnica e está



exercitando ainda mais sua criatividade em sala, além de criar outros métodos pedagógicos alternativos com sucata. “Aproveito as garrafas para fazer os brinquedos e agora estou ensinando multiplicação com as tampinhas e canudos. Hoje cada criança já tem o seu *kit* de Matemática na mochila”.



O projeto conta com a parceria do Instituto de Educação Carlos Pasquale. As alunas do curso de “Práticas Pedagógicas” também participam das oficinas e levam as ideias como recursos didáticos para a escola.



“A tendência é a utilização na área de Educação”, confirma Elizabeth, mas o trabalho é procurado por outros segmentos da sociedade. Antônia Nascimento, que integra o projeto Sala Verde, da equipe de Educação Ambiental de Mesquita, esteve no instituto para aprender as técnicas e capacitar o artista da comunidade. “Trabalho com caixas ‘tetra-pac’ e de sabão em pó. E ver esse material se transformando em uma embalagem para presente é mágico. Esse espaço foi um achado e quero compartilhar essas novidades com minha comunidade”, disse a ambientalista.



Para Elizabeth, a arte de bonecos, além de ser bela por si só, está cumprindo um papel social: “Estamos conseguindo fazer com que as pessoas se interessem, e o objetivo do trabalho é a sensibilização; estamos despertando a opinião pública para várias questões”. No *site* da ONG muitas pessoas aprendem o passo a passo para a confecção das peças. De acordo com Elizabeth, muitos educadores, artistas ou curiosos buscam a página para aprender a fazer

A ONG abre suas portas à comunidade: expõe o acervo, apresenta teatro de marionetes, oferece oficina para crianças e educadores. Tudo é produzido com material reaproveitado: garrafas pet, sucata e muita criatividade



e enviam sugestões e agradecimentos. “Os campeões de acessibilidade no You Tube são os esquemas do fantoche de meia e do boneco do mosquito da dengue, que é usado para fazer campanha de prevenção dentro e fora das salas de aula”, conta a coordenadora. Para conhecer mais o projeto e a sede da ONG basta acessar [www.artes-deumtudo.com](http://www.artes-deumtudo.com).



Instituto Artes de um Tudo  
Rua Joaquim Máximo Soares, 178  
Olinda – Nilópolis/RJ  
CEP: 26519-194  
Tel.: (21) 9966-7015  
Coordenação: Josy Monteiro  
Fotos: Marcelo Ávila